

Educar na Sociedade da Informação – formando uma Rede de Educadores

Lilian Starobinas
Cidade do Conhecimento
Instituto de Estudos Avançados – Universidade de São Paulo

Resumo: A disseminação de uma cultura de uso democrático e criativo das novas Tecnologias da Informação e Comunicação em ambiente escolar requer a reformulação de paradigmas educacionais, que possibilitem a participação de todos os sujeitos na cadeia de produção, circulação, consumo e reinterpretação do conhecimento. O **Educar na Sociedade da Informação** promove a formação de redes de educadores que propõe conjuntamente projetos de produção colaborativa de conhecimento. O programa é uma iniciativa da **Cidade do Conhecimento**, projeto do **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**.

Palavras Chaves: educação, educação à distância, inteligência coletiva, comunidade virtual, redes colaborativas

1. Introdução

“Ao ‘gênio’ é preciso devolver sua acepção mais ampla: por exemplo, o gênio de um lugar ou o gênio de um povo. Eis algo que é bastante difícil depois de mais de três séculos de modernidade, na qual prevaleceu a ideologia individualista. Porém, se nos dedicamos a pensar no presente, se desejamos compreender as mudanças de importância que se esboçam hoje em dia, convém devolver ao gênio coletivo as suas cartas de nobreza”.

Michel Maffesoli

Pensar no coletivo e suas possibilidades de produção intelectual tem sido um exercício constante entre pensadores desde a década de 90 do século XX, num processo que vem se intensificando ainda mais após o surgimento da internet e a partir de outros desdobramentos de condições globalizantes, vinculados a chamada revolução tecnológica da informação.

O sujeito enquanto ator social do coletivo (Castells, 1999) é um pólo de contribuição para “um processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significados”¹.

Igualmente importante é a pesquisa sobre como se dá a produção desse coletivo, e em que medida é possível agenciá-lo para a otimização do potencial inerente ao grupo em questão. O problema que se coloca é não só relacionado à democratização de recursos e meios técnicos que permita a formação de novos círculos de produção, mas à difusão de uma cultura de expressão e construção coletiva que dê voz a todos que desejem contribuir.

Pierre Levy (1993) afirma: “O jogo da comunicação consiste em, através das mensagens, precisar, ajustar, transformar o contexto compartilhado pelos parceiros. Ao dizer que o sentido de uma mensagem é uma ‘função’ do contexto, não se define nada já que o contexto, longe de ser um dado estável, é algo que está em jogo, um objeto perpetuamente reconstruído e negociado”².

Assim, o que há de mais importante ao se promover atividades que proporcionem a formação de novos coletivos criadores é exatamente esta possibilidade de tecer novos contextos, que sugiram arranjos criativos que inspirem elaborações mais positivas de suas histórias e problemáticas. “Cada um em sua escala, os atores da comunicação ou elementos de uma mensagem constroem e remodelam universos de sentido”³ afirma Levy, produzindo um “mundo de significações” cuja representação técnica é o hipertexto.

Associados a esta preocupação em fomentar novos coletivos inteligentes que trabalhem com questões prementes da sociedade contemporânea, os programas da **Cidade do**

¹ CASTELLS, Manuel. *O poder da Identidade . - A era da Informação: economia, sociedade e cultura*; v2. São Paulo, Paz e Terra, 1999, pp.22

² LEVY, Pierre. *As tecnologias da Inteligência*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993, pp.22

³ Idem, pp.25

Conhecimento, desde sua fundação no ano de 2001, investem seus esforços na formação de redes de colaboração e aprendizagem que reúnam atores de diferentes categorias sociais. Neste “moinho de redes”, como denominou Gilson Schwartz, idealizador e diretor do projeto, “estará em jogo a criação de uma comunidade onde ocorre não a transmissão de conhecimento, mas a produção compartilhada, coletiva, prática de conhecimento.(...) Somente nesse ambiente, onde a confiança é crucial, pode o conhecimento florescer, sobretudo como resultado informal, ou seja, não necessariamente codificado, registrado, medido e controlado de um processo em que todos os participantes estão não apenas aprendendo e ensinando ao mesmo tempo, mas participando de uma transformação social e política de que a escola é apenas parte”⁴.

As redes propostas pela Cidade consolidam hipertextos, ou novos “mundos de significações”, ao experimentar diferentes alquimias de relacionamento, essencialmente na esfera do trabalho e do saber (a escola, a universidade). Estas fronteiras, aliás, tornam-se bastante tênues no rearranjo contextual destas redes, pois a concepção de trabalho vai cada vez mais associando-se à necessidade permanente de formação e produção de novos saberes, enquanto a escola e a universidade tendem a orientar-se para a formação dos jovens vislumbrando a busca de alternativas de inserção futura no mercado de trabalho, realista, adequada e criativa.

A utilização das novas Tecnologias da Informação e Comunicação na mediação destas redes é vista como uma das estratégias possíveis, e bastante promissora, para a multiplicação capilar de cada ramo de atuação. As tecnologias têm um papel importante no sentido de ampliar e agilizar contatos em redes de intercâmbio que muitas vezes já existiam sem a mediação destas ferramentas. O vínculo pessoal e seu estreitamento pelo encontro presencial é visto como muito positivo e incentivado em todos os programas da Cidade. Trata-se de fortalecer o caráter essencialmente humano do conhecimento destes coletivos, que faz uso dos meios técnicos para sua elaboração. Não existe, entretanto, neutralidade num suporte de comunicação. As relações que se estabelecem e o recorte da criação produzida sofrerão influências, sem dúvida, dos ambientes tecnológicos no qual foram criados.

Em cada programa da **Cidade do Conhecimento**, unem-se diferentes grupos ou categorias sociais que dão um matiz específico à rede. O objetivo final é a composição destes matizes numa aquarela em que a representação de cada pixel garanta a contribuição de cada indivíduo da rede, e que o coletivo desta produção assuma a amplitude de uma obra de porte maior, infactível pelo sujeito só.

⁴ SCHWARTZ, GILSON. Redemoinhos: informativo online da Cidade do Conhecimento. Ano I, número 3, 1 a 15 de junho/2001, disponível em <http://www.cidade.usp.br/redemoinhos/0301/>

A dinâmica das redes, felizmente, possibilita retornos mais imediatos às associações que acontecem cotidianamente. Ao trabalhar com monitores de centros públicos de acesso à Internet, o programa **Gestão de Mídias Digitais** mobiliza agentes que podem intervir num processo de transformação social em suas comunidades. O **Dicionário do Trabalho Vivo**, por sua vez, compõe comunidades colaborativas que mesclam estudantes de Ensino Médio, universitários, educadores, profissionais das mais distintas origens, empregados e desempregados, especialistas em cada tema, para a produção coletiva de verbetes do mundo do trabalho. Em ambos os casos, todos os participantes usufruíram do grande aporte que profissionais da Universidade podem trazer à formação profissional e à reflexão sobre a função social de cada grupo; exercitaram habilidades para a gestão coletiva de um projeto; produziram respostas criativas aos desafios propostos pelos próprios grupos⁵.

Os educadores são o público-alvo do programa **Educar na Sociedade da Informação**. Nossa intenção, neste artigo, é observar algumas dinâmicas da elaboração do “mundo de significados” do Educar em 2001 e 2002, e avaliar os avanços que foram possíveis a partir do agenciamento proposto pela **Cidade do Conhecimento**. Além do reconhecimento dos ganhos, faz-se necessário o trabalho de leitura crítica da trajetória, para reorientação dos pontos de necessário aperfeiçoamento.

2. O programa **Educar na Sociedade da Informação**

“Poderão admirar-se com o fato, mas somente há quinze dias comecei a me familiarizar com a internet. Medo? Preconceito? Dificuldades de acesso? Valho-me da sabedoria popular: antes tarde do que nunca ”

Filomena Maria Ferreira

E.M.E.F. Conde Luiz Eduardo Matarazzo

Ao iniciar suas atividades em 2001, o Educar atendia um público ávido por retomar contato com temas relacionados aos conteúdos das disciplinas que ministravam. Voltado inicialmente para professores do Ensino Médio, ao longo de seus dois anos de existência houve um processo de flexibilização do conceito de educador, abrindo espaço para docentes do ensino superior, ativistas de organizações não-governamentais, estudantes universitários e funcionários do setor privado em áreas de interesse específico.

⁵ Todo o material produzido pelos programas da Cidade do Conhecimento estão acessíveis no site www.cidade.usp.br

O paradigma da reciclagem de professores reforçava nesta categoria uma posição de passividade, resumindo-se à recepção de conteúdos atualizados para posterior utilização em sala de aula. A ruptura com esta prática é um dos pilares fundamentais deste programa, e a própria mescla de profissionais vem forçando uma alteração deste padrão.

O programa **Educar na Sociedade da Informação** abriu em 2001 um total 400 vagas, que em 2002 pularam para 1.200 vagas. O número de módulos passou de 5 para 12:

2001	2002
1. Territórios Reais e Virtuais: Geografia e História no Brasil Prof. Dr. Demétrio Magnoli	1. O tempo e o espaço da cidade Prof. Dr. Demétrio Magnoli
2. Práticas de Leitura na Sociedade da Informação Prof. Dr. Jorge de Almeida	2. Literatura na sociedade da informação Prof. Dr. Jorge de Almeida
3. Mídia na Escola: É Tudo Verdade? Prof. Dr. José Arbex	3. Mídia na Escola Prof. Dr. Sidney Ferreira Leite
4. Novas Práticas na Educação: Tecnologia, Vocação e Emprego Prof. Dr. Gilson Schwartz e Prof. Dr. Manuel Oriosvaldo de Moura	4. Tecnologia e Práticas Pedagógicas Prof. Dr. Gilson Schwartz e Prof. Paulo Lemos
5. Tecnologias e Educação: Rede Literal e Rede Metafórica Prof. Dr. Nilson Machado	5. Inovação e Cooperação na Internet Prof. Dra. Imre Simon
	6. Educação Inclusiva ou Sociedade Inclusiva? Prof. Dra. Eucia Beatriz Petean
	7. Educação Ambiental para a Sustentabilidade Prof. Dr. Pedro Jacobi
	8. Ciência e Tecnologia têm masculino e feminino? Prof. Dra. Regina Festa
	9. Comunicação, Educação e Sociedade Midiática Prof. Dr. Ismar de Oliveira
	10. O Conhecimento da Natureza pelo Ser Humano Prof. Dra. Amélia Império Hamburger
	11. Linguagens Artísticas na Era Digital Prof. Dr. Artur Matuck
	12. Cidade do Conhecimento: Teoria, História, Futuro Prof. Dr. Gilson Schwartz

Cada módulo, sempre coordenado por um professor doutor, buscou uma estratégia específica para trabalhar com os educadores um programa de 40 horas presenciais e propor a sua continuidade por meio de comunidades virtuais.

Os encontros presenciais, de 4 horas cada, aconteceram em auditórios, salas e laboratórios da Universidade de São Paulo. Estiveram envolvidos em todos eles, além do

coordenador, um mediador (preferencialmente um estudante de pós-graduação), um técnico de mídias e um estagiário responsável pela captação do áudio da atividade. O universo de profissionais envolvidos com o **Educar** de maneira regular ao longo do ano de 2002 girou em torno de 50 pessoas. O número de docentes, da USP e de outras instituições que ministraram atividades no programa chegou a 115.

As opções curriculares indicam uma orientação de investir na ampliação das variedades temáticas no universo escolar, forçando as fronteiras rígidas do currículo para dar espaço a uma abordagem mais flexível e renovada de conhecimento. Para tanto, foi fundamental a mobilização da universidade, a partir da participação direta de grupos de pesquisa, projetos e laboratórios em nossas atividades, que listamos aqui:

1. Cátedra Unesco para Mulher, Ciência e Tecnologia
2. Centro de Computação Eletrônica
3. Centro de Documentação Técnico e Científica
4. Centro de Divulgação Científica e Cultural (USP - São Carlos)
5. Escola do Futuro
6. Estação Ciência
7. Fundação Vanzolini
8. Instituto de Matemática e Estatística
9. Instituto de Pesquisas Tecnológicas
10. Núcleo de Educação e Comunicação – Escola de Comunicação e Artes
11. Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental
12. Rede Saci

Esta cultura de prestigiar o trabalho que já vem sendo desenvolvido e a proposta de parcerias com outras equipes da USP ou de institutos próximos tem permitido reunir grupos cooperativos que somam esforços mantendo suas identidades específicas. Um exemplo disso é a aproximação com do **Educar** ao Laboratório de Arquitetura e Redes de Computadores da Escola Politécnica para o desenvolvimento de softwares de Educação a Distância assim como a parceria com o departamento de Cinema, Televisão e Rádio , da Escola de Comunicações e Artes, na criação de um laboratório de produção multimídia.

A criação de vínculo dos participantes com a universidade é muito importante neste contexto, pois restitui ao educador a sua posição de aprendiz e ao mesmo tempo reforça a prática de um diálogo mais assíduo entre o ambiente acadêmico e sociedade. Ao abrir, suas portas, auditórios, laboratórios, museus, bibliotecas, para professores e alunos da escolarização básica, a universidade os incorpora como sujeitos reais ativos na produção, circulação, consumo e

reinterpretação do conhecimento. Neste sentido, a iniciativa da **Cidade do Conhecimento**, como projeto do **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**, em difundir a formação de redes de cooperação entre educadores, com o envolvimento intenso de docentes da universidade, coloca a utilização das tecnologias de comunicação e informação a serviço da flexibilização das hierarquias meritórias do saber, tornando doutores e alunos parceiros em uma comunidade.

3. Comunidade Virtual do Educar: Espaço de Interação e Produção Coletiva

"A sucessão da oralidade, da escrita e da informática como modos de gestão social do conhecimento não se dá por simples substituição, mas antes por complexificação e deslocamento dos centros de gravidade".
Pierre Levy

“Conferir ou não conferir? Eis a questão. Com certeza Hamlet escolheria a primeira opção. Partimos em busca do conhecimento da literatura inglesa. Procuramos em Shakespeare a trama sobre intrigas, assassinatos de um rei, denúncias de corrupção, trocas e juras de amor eterno, homem seduzido pelo poder, crimes bárbaros praticados pelo misticismo de feiticeiras da época e um jovem que sente a necessidade de manifestar-se como cidadão. Fascinados pelo grande escritor, alunos da periferia de São Paulo, se identificaram com muitas das situações. Estudantes que ignoravam e não acreditavam na grande paixão pela literatura inglesa estão vivendo um grande romance com as obras de Shakespeare. Relato de um aluno: ‘A cada página lida da obra *MACBETH*, explicada pela professora Rosimeire como uma das maiores tragédias da literatura, vemos um homem seduzido pelo poder que é capaz de matar somente por opção. No entanto, nós da periferia, que convivemos com drogas e violências do dia a dia, estamos expostos a esta mesma tragédia, de morrer nas mãos de quem mata e não sente nada. Macbeth, nos faz descobrir um Shakespeare vivo, do presente e não um escritor arcaico do passado como eu imaginei’. (Ricardo- 3H)”.

Este depoimento da professora Rosimeire Leme de Souza e seu aluno⁶ fala mais por si só do que laudas de teoria que poderíamos apresentar. Um dos pontos de destaque deste relato é o casamento possível entre o estudo da tradição cultural da humanidade e a reinterpretação de suas mensagens em contextos espaços-temporais extremamente diversificados. Temos aqui uma manifestação exemplar de uma produção em que a inteligência coletiva está no cerne da representação cultural. O hipertexto a partir desta obra do século XVII já é possui, a priori, uma

⁶ Sousa, Rosimeire Leme. Comunidade Virtual do Educar 2002. Online, disponível em http://www.cidade.usp.br/educar/modulo2/tpl_mensagem?id_mensagem=342

longa história de releituras, montagens variadas, produções de cinema, inspiração de novas obras, ensaios analíticos. Os alunos de Itaquera constituem, a partir desta experiência, mais um nó nesta rede de atribuições de novos sentidos.

E a tecnologia e a Comunidade Virtual do **Educar**, o que têm a ver com isto? Objetivamente esta atividade independe de computadores, redes e outras mídias para acontecer. Este é um diferencial que o programa faz questão de manter: o objeto final de produção que materialize esta inteligência coletiva não precisa ser obrigatoriamente construído utilizando tecnologia, pois o foco é no processo que levou à elaboração deste produto e aos desdobramentos que sua circulação pode promover. Montar Shakespeare, em si, não é inovador. A riqueza desta experiência está na cadeia de produção e circulação do conhecimento que a tecnologia otimiza. Neste caso, o circuito Universidade (aula do Educar) – professora – alunos pode ser bastante ampliado a partir da criação de elos entre estes alunos e outros materiais sobre o tema existentes na rede, conexões com outros grupos de teatro similares, registro de suas experiências e reflexões para compartilhar, por meio eletrônico, com outros jovens, outros professores, outras escolas. A tecnologia como meio, aqui exemplificada, pode consolidar uma dimensão mais ampla de autoria e contribuição destes alunos, além de proporcionar a eles a riqueza de outros sentidos que a história e outros milhares de sujeitos possam anteriormente ter disponibilizado. Ela é um instrumento para consolidar as redes de intercâmbio, colaboração e aprendizagem, e as práticas distantes das técnicas que delas resultarem são igualmente valiosas.

A atividade do **Educar** mobilizou a professora, que por sua vez organizou seus alunos, gerando um intenso movimento na escola. Assim, a tecnologia, como elemento de conexão da professora ao programa, foi instrumento relevante naquela situação de jovens lendo Shakespeare numa comunidade de população de baixa renda e pouca cultura letrada em São Paulo. Este ciclo é condição fundamental para abrir espaço para outras oportunidades na instituição. O caráter de organização das demandas e da busca de soluções criativas para problemas sociais e para a criação de canais de expressão destes grupos é um dos frutos mais importantes que o **Educar** pode apresentar.

3a . As tecnologias potencializando comunidades

A implementação de uma ferramenta de publicação simples para uso da equipe do **Educar** e dos participantes do programa foi um dos avanços cruciais do programa em 2002. Para promover a democratização do acesso à informação e a produção colaborativa de conhecimento, o exercício do uso das ferramentas disponibilizadas pelas novas TICs foi parte fundamental da história do programa. A publicação de conteúdos por parte dos alunos evoluiu de um processo de

entrega de disquetes a um webmaster para um ambiente de publicação descentralizada e simples (Página 1, desenvolvido pela empresa Hiperlógica em Zope, plataforma de software livre). Todo o material produzido pela Comunidade Virtual do Educar 2002 pode ser acessado na página www.cidade.usp.br/educar2002 .

Em termos técnicos e no quesito praticidade, a ferramenta foi avaliada como satisfatória, demandando alguns aperfeiçoamentos em sua navegabilidade, sua plasticidade visual e a simplificação do processo de inserção de documentos para download.

Somente um módulo, o “Inovação e Cooperação na Internet”, não fez uso desta plataforma, optando por desenvolver suas atividades através de uma outra ferramenta, chamada WIKI. Isso reitera a orientação experimental do **Educar**, e a determinação em não definir um único ambiente para o seus módulos. Sendo o programa também uma iniciativa que dá base a pesquisas sobre a utilização de novas tecnologias na educação, esta variedade proporciona oportunidades de comparação e avaliação.

Com a criação do cargo de mediador, em 2002, para dar suporte ao trabalho do coordenador e fazer a interface direta com os alunos, houve um salto de qualidade na administração dos módulos e na produção do grupo, uma vez que esta função permitiu um contato mais intenso e uma provocação mais frequente à participação de todos. O desempenho de cada mediador variou de grupo para grupo, e ficou evidente que uma posição mais consciente, planejada e engajada deu oportunidade a resultados mais expressivos quantitativa e qualitativamente. Entretanto, ficou evidente que é necessário o envolvimento direto de coordenadores e palestrantes de atividades presenciais no marco virtual, pois ao delegar todo o contato ao mediador fica evidenciada a brecha desta ausências, que suprime a possibilidade de manutenção de um diálogo extra-encontros, extremamente ricos quando acontecem. O coletivo explicita sua demanda de compromisso de todos os sujeitos para que possa florescer em todo o seu potencial.

A pouca familiaridade com o computador e a dificuldade de acesso a Internet foram por vezes apresentados como motivos para uma utilização aquém do esperado da Comunidade Virtual. Entretanto, a pesquisa de opinião aplicada no final do programa mostrou que grande parte dos participantes possuem computadores e tem acesso a Rede. Estes dados apontam para uma avaliação de caráter mais cultural deste processo, ligada a criação de sentido que possa mobilizar estes participantes a servirem-se e colaborar para o enriquecimento do Comunidade Virtual. Nos módulos em que isso se deu, a interação na Internet aconteceu de maneira mais intensa.

O uso que cada módulo fez da Comunidade Virtual variou bastante, e também influenciou no engajamento das turmas. O Fórum foi o grande espaço de interesse na Comunidade Virtual dos

participantes de alguns módulos. Nele foram apresentadas e comentadas as propostas de trabalho que seriam desenvolvidas ao longo do ano. Houve sugestões bibliográficas e orientações de recorte dos temas sugeridos. Em outros módulos, foram criados fóruns específicos para cada tema, e houve continuação do debate do encontro presencial, contribuição de novos textos para debates e relato de experiências didáticas pertinentes ao tema. No espaço das anotações de cada aula, alguns participantes contribuíram com súmulas do que foi apresentado, enquanto outros produziram ensaios ou textos literários. O plano de aula e as leituras sugeridas pelos palestrantes, bem como o resumo produzido pelos alunos, foram outros espaços muito procurado pelos participantes.

A atitude dos participantes esteve entre extremos da participação intensa e da total passividade. A frequência mensal das atividades dificultou o desenvolvimento de um espírito de comunidade em cada grupo e mesmo entre os grupos. Houve iniciativas de conexão entre projetos de vários módulos, mas o dinamismo dessa tecelagem interna precisa de mais atenção.

A hesitação na produção escrita ao longo do curso também explica uma certa lentidão na construção da Comunidade Virtual. O espaço de publicação, sendo literalmente espaço público, implica um grau de exposição do professor participante que contrasta com a relativa privacidade das avaliações normalmente feitas de alunos. Dado o elevadíssimo nível dos conferencistas, nem sempre o professor que se sinta menos qualificado terá a inclinação a publicar nesse espaço.

Incluir material nas páginas do **Educar** é um ato que tem por conseqüência um alto grau de exposição intelectual, o que também desestimula profissionais que não estejam muito seguros da qualidade de seu texto (ainda que acreditem e sejam reconhecidos pela qualidade de suas idéias e práticas pedagógicas, não necessariamente textuais).

Finalmente, embora possivelmente com menos impacto, a formação de comunidades de professores/autores na rede do **Educar** enfrenta ainda um espectro bastante amplo de dúvidas com relação à propriedade intelectual dos textos publicados, timidez decorrente de pouca prática no uso das tecnologias de informação e comunicação ou simplesmente a opção pessoal do profissional bastante legítima por simplesmente não se colocar.

A experiência de implementação e gestão da comunidade virtual nos colocou diante de dois importantes desafios: apresentar o conteúdo oferecido pelo programa, de um lado, e estimular a participação e criatividade dos alunos, de outro. Houve de fato um salto técnico frente aos recursos utilizados em 2001, mas a complexidade menor no processo de publicação não se faz necessariamente acompanhar de uma simplificação dos desafios de formação da comunidade – talvez até os tornem mais visíveis e aflitivos, pois a tecnologia deixa de ser uma excusa para questões como “demora na publicação” ou “falta de interatividade”.

O ritmo paulatino de utilização da ferramenta gerou uma nova necessidade: um veículo de circulação de informações sobre textos interessantes que estavam sendo publicados na rede, servindo ainda como elemento de reforço à identidade da comunidade e valorização dos indivíduos mais competentes na escrita.

Além disso, com o crescimento expressivo do número de contribuição e páginas criadas, entendemos que era preciso facilitar o caminho do visitante até estes textos, e valorizá-los com seu destaque em nossa página central.

Assim foi criado, em agosto de 2002, um boletim eletrônico específico do programa, o **Educar em Tempo**, espaço comum a todos os participantes (cerca de 1700 assinantes, 70% dos quais *não* são inscritos no **Educar**).

A audiência do **Educar em Tempo** tem paralelo na intensa visitação das páginas do **Educar**, responsável por colocar o site da **Cidade do Conhecimento** em terceiro lugar no ranking das páginas mais visitadas no portal da USP. Os navegantes buscam textos, áudios das aulas, transparências, indicações bibliográficas e da web. A farta audiência e inúmeros pedidos para participação “à distância” no **Educar** colocaram em evidência o potencial do programa como uma experiência motriz de formatos e conteúdos não presenciais, cujo grau de interatividade também pode aumentar, na medida em que a comunidade se mantenha viva.

Na prática, portanto, não há uma e sim várias comunidades associadas ao **Educar**, com graus diferenciados de vinculação, participação presencial e compromisso autoral. Os efeitos didáticos sobre cursos e programas em todo o Brasil, a partir dessa cadeia de formação de opinião e referências, somente poderão receber uma avaliação mais clara por meio de pesquisas específicas.

O debate em torno da dinâmica das comunidades virtuais é acirrado também entre os coordenadores do programa, pois se alguns acreditam que não é possível reproduzir o senso de comunidade criado a partir das sessões presenciais, outros apostam no caráter de experimentação das novas tecnologias como foco do **Educar**, o que eventualmente relativizaria os anseios de alcançar a abrangência máxima em termos de público afetado pelas atividades. Na prática, trata-se de duas situações igualmente necessárias no âmbito de um programa que procura sempre ir além da estrita reciclagem de conteúdos e repertórios temáticos, priorizando a reflexão crítica sobre práticas pedagógicas alavancadas por mídias digitais interativas.

A virtude está em não mimetizar ou reproduzir mecanicamente comportamentos e vivências inseparáveis da dimensão presencial, buscando soluções tecnológicas que abram continuamente possibilidades de reuso/recriação dos conteúdos inicialmente apresentados “ao vivo” numa sala da USP, associando esse “retrabalho” a projetos de interação numa comunidade

de alunos (e ex-alunos) a distância. Essa etapa do desafio naturalmente será possível apenas a partir de 2003, quando efetivamente haverá um acervo semi-morto em vias de ser reprocessado e ressuscitado por alunos novos e ex-alunos. A rigor, portanto, o ciclo completo de formação da comunidade do Educar somente será atingido no final de 2003. Supondo que a cada ano sejam mantidos alguns módulos temáticos, gerando novos registros e comunidades de publicadores, apenas a cada dois anos haveria o amadurecimento completo de cada participante (até chegar à condição de mentor, editor ou autor de novos conteúdos online).

4. Considerações Finais

Educar-se frente às novas tecnologias da informação e da comunicação corresponde a um universo de significações que vai além da reprodução de métodos, da capacitação técnica de sistemas operacionais e aplicativos. Implica em um fazer pedagógico que conduza o sujeito a perceber-se enquanto produtor de conhecimento e a um ser que se sinta capaz de ultrapassar os limites impostos pela máquina e possa através dela encontrar significações que facilitem e ampliem suas leituras de mundo. A identificação do homem com diferentes mídias e recursos tecnológicos possibilita a construção de sua identidade midiática.

Lia Cristina Lolito Paraventi
Diretoria de Orientação Técnica
Prefeitura Municipal de São Paulo

O complexo processo aqui descrito teve por resultado a formação de uma entusiasmada comunidade de educadores, sedenta por novas oportunidades de refletir, falar sobre seu trabalho, estar em contato com outros profissionais e com novas idéias, estimulada a pensar o trabalho com seus alunos de forma distinta. Com a disseminação paulatina das novas Tecnologias de Informação e Comunicação no marco escolar, investir no professor é abrir caminho para diálogos construtivos e criativos com os alunos

O **Educar na Sociedade da Informação** tem se diferenciado, entre numerosas e meritórias iniciativas existentes no Brasil, por sua estrutura experimental e maleável, na qual a ação do participante, aluno do programa, é condição relevante para a modelagem final do perfil do módulo. A busca de romper com o paradigma estático de transmissão do conhecimento, por meio de palestras e leituras, para atingir novas práticas de construção coletiva é uma premissa do programa e tem orientado seus desdobramentos.

Ao aplicar a metodologia de formação de redes da **Cidade do Conhecimento** na esfera educacional, o **Educar** está disseminando uma cultura de participação e colaboração entre professores e alunos. Estas práticas são fundamentais para que a difusão de novas tecnologias possa ocorrer por meio de um paradigma menos hierárquico e mais democrático do que as dos

meios de comunicação com que convivemos há décadas, pautadas pelo mercado e por grupos políticos restritos.

5. Referências Bibliográficas

CASTELLS, Manuel. *O poder da Identidade . - A era da Informação: economia, sociedade e cultura*; v2. São Paulo, Paz e Terra, 1999

COSTA, Rogério da. *A cultura digital*. São Paulo, Publifolha, 2002.

LEVY, Pierre. *As tecnologias da Inteligência*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993

MAFFESOLI, Michel. *A Contemplação do Mundo*. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1995

MORIN, Edgar. *A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001

RAMAL, Andréa Cecília. *Educação na Cibercultura: Hipertextualidade, cultura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre, Artmed, 2002

SCHWARTZ, GILSON. Redemoinhos: informativo online da Cidade do Conhecimento. Ano I, número 3, 1 a 15 de junho/2001, disponível em <http://www.cidade.usp.br/redemoinhos/0301/>